

**VII Encontro Nacional de Estudos do Consumo
III Encontro Luso-Brasileiro de Estudos d Consumo
I Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo**

Mercados Contestados – As novas fronteiras da moral, da ética, da religião e da lei
24, 25 e 26 de setembro de 2014

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-Rio)

**"Jesus não comia acarajé. Tinha acarajé na ceia?": disputas na comercialização
do acarajé**

Debora Simões de Souza Mendel¹

Resumo: O presente trabalho pretenderá apresentar os processos de consumo do acarajé, na cidade de Salvador tendo como foco principal a prática do “Acarajé de Jesus”, ou “Bolinho de Jesus”. Estas denominações são utilizadas para indicar a comercialização das comidas de tabuleiro realizadas por baianas de acarajé seguidoras da vertente religiosa protestante, sobretudo, ligadas ao neopentecostalismo. Será necessário indicar o lugar e o significado do acarajé no universo simbólico do candomblé, já que esta comida relaciona-se com aos orixás: Oxum, Xangô e, principalmente, Iansã (Oiá). Neste contexto, apresentaremos diferentes discursos das próprias baianas de acarajé sobre a prática do “Bolinho de Jesus” e também, o posicionamento de uma baiana de acarajé que utilizava a expressão “Bolinho de Jesus”. A narrativa desta baiana é fundamental para entender a importância dos discursos e a relação destes com as práticas religiosas dos sujeitos.

Palavras-chave: Bolinho de Jesus; Ofício das Baianas de Acarajé; Candomblé.

1- Introdução

Em dez de dezembro de 2004, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) realizou o registro do Ofício das baianas de acarajé, no Livro dos Saberes, como Patrimônio Cultural do Brasil. A primeira parte do título deste artigo fez parte da narrativa da baiana de acarajé Analys², sobre o “acarajé de Jesus”, em entrevista, no Rio de Janeiro, ainda no início da pesquisa etnográfica. Tal frase fornece

¹ Mestre em História Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP). Atualmente é bolsista FAPERJ, no Projeto Caixa de História. E-mail: debora.simoess@gmail.com

² Analys atualmente é presidente da Associação das Baianas de Acarajé do Rio de Janeiro (ABAM-Rio).

indícios de que as baianas neopentecostais que vendem o acarajé apropriaram-se de um objeto que não é próprio da religião Cristã. O acarajé é um símbolo do candomblé e as baianas do “acarajé de Jesus” apropriaram-se e ressignificaram tal símbolo.

No início da minha pesquisa de mestrado, sobre o Ofício das baianas de acarajé, ou melhor, com foco nas baianas de acarajé como sujeitos históricos que articulam diferentes meios para valorizarem seu ofício para além de uma valorização institucional, conheci a ABAM –Rio e conseqüentemente Analys do acarajé. Uma das nossas primeiras conversas foi o crescimento da prática do Acarajé de Jesus ou Bolinho de Jesus na cidade de Salvador. Naquele momento não sabia como abordar tal questão, nem mesmo a magnitude desse assunto. No fim, não escrevi um capítulo sobre, mas sim um subtítulo e esse artigo.

Será apresentado diversos discursos sobre a prática do Acarajé de Jesus que encontrei ao longo dos dois anos de pesquisa. É preciso destacar a posição e o discurso da baiana de acarajé Tânia dos Santos, que vende acarajé e é freqüentadora da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). O ponto de acarajé da baiana em questão está situado em frente da maior Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) da cidade de Salvador. Será abordado também o crescimento da IURD nos últimos anos no Brasil, sobretudo, na Bahia, conhecida como “Roma Negra” e, também, “Meca da Negritude” por ser entendida como referencial do candomblé no Brasil e no mundo.

Os objetos presentes nos pontos das baianas do “Bolinho de Jesus” são diferentes dos demais pontos, pois os objetos carregados de significados e assim, transformados em símbolos que fazem sentido em cada contexto religioso. Como por exemplo, a utilização de bíblias em determinados tabuleiros de acarajé, bem diferente dos tabuleiros que apresentam símbolos ligados a religiosidade afro-brasileira como, por exemplo, fios de contas³ de certos orixás, figas, acarajés separados para os Êres, entre outros, que serão contemplados neste trabalho. Enfim, o processo proposto aqui é

³ As contas, como são comumente chamadas, fazem parte do conjunto de objetos que compõem a baiana de acarajé e que possui grande significado no candomblé. Segundo Raul Lody (2003a), fio-de-contas são chamados de ilequê pelos devotos dos terreiros de candomblé Kêtu-Nagô. Em sua definição, os fios de contas são: “[...] distintivos de usos femininos e masculinos, embora, com maior expressão e força estética, estejam no domínio da mulher. Os fios de contas são, como o próprio nome diz, contas enfiadas em cordões ou fios de náilon [...]. As cores e os materiais que formam cada fio de conta variam conforme a intenção, podendo marcar hierarquia, situações especiais, uso cotidiano, além de identificar os deuses” (LODY, 2003, p. 233).

apresentar um processo permeado de disputas, conflitos, apropriações e ressignificações, onde também está em jogo a luta por hegemonia de um mercado religioso.

As disputas que envolvem o acarajé serão analisadas como parte da “Guerra Santa” Reinhardt (2006), expressão utilizada para denominar os conflitos entre denominações evangélicas neopentecostais e as religiões afro-brasileiras, em todo o território nacional.

Enfim, é importante lembrar que o Ofício das Baianas de Acarajé, recebeu o título de Patrimônio Cultural do Brasil, no ano de 2004 e de acordo com a documentação produzida ao longo do processo de inventarização desse bem cultural o Ofício das Baianas de Acarajé está ligado ao universo simbólico do candomblé.

2- De quem é o acarajé?

O “Acarajé de Jesus” ganhou espaço e campanha nas ruas e nos meios de comunicação de massa. No programa “Esquentá”⁴ da Rede Globo de Televisão, uma baiana evangélica⁵, que não utiliza a indumentária, quando foi questionada sobre o que ela fazia antes de tornar-se baiana de acarajé, afirmou:

Eu tenho a baiana como uma profissão, eu vendendo acarajé para ganhar o pão de cada dia para dá aos meus filhos. Eu vendo na frente da igreja, todos os fiéis compram na minha mão. O que vale é o alimento que você está comprando não a roupa? Você vai comprar a roupa ou vai comprar a comida que está comendo?

O trecho evidencia que as baianas do “acarajé de Jesus” possuem um conjunto de pessoas que partilham das suas ideias, aumentando, assim, o discurso de que o que importa é a comida. Porém, quando se consome uma comida, se está compartilhando uma cultura, para utilizar a ideia de “comida como cultura” (MONTANARI, 2008). Todo o processo de seleção, separação, preparação e consumo de comida são práticas construídas socialmente. Tal processo tem base em trocas, negociações que possuem

⁴ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=7WZldxyWIG8>> . Acesso em: 14 mar. 2012.

⁵ Depois de alguns meses conheci a baiana que deu entrevista no programa de televisão citado, na verdade é a baiana de acarajé Tânia que trabalha na frente da IURD de Salvador, com que mantive contato no decorrer do trabalho de campo.

significados dentro do grupo. De acordo com Menasche (2011), a comida e as práticas que a envolvem servem para frisar distinções identitárias de gerações, gênero, grupos e classes.

De modo geral, o que sabemos sobre comida “está inserido em um corpo substantivo de materiais culturais historicamente derivados” (MINTZ, 2001, p. 32). Os comportamentos ligados à comida ganham, desse modo, um espaço essencial no aprendizado social, por seu caráter vital e, ao mesmo tempo, cotidiano. As práticas relacionadas à comida revelam, frequentemente, a cultura em que cada indivíduo está inserido.

Quando um indivíduo busca o “acarajé de Jesus”, está procurando um determinado conjunto de crenças, está consumindo uma concepção de mundo que tem ligação com a fé cristã. Essa pessoa não compra apenas a comida, se fosse assim, ela comeria qualquer acarajé. No decorrer do trabalho de campo, tive a oportunidade de entrevistar a baiana de acarajé evangélica que havia participado do debate no Programa da Rede Globo, que na ocasião apresentou sua opinião, reproduzida aqui anteriormente. Ela contou como seus clientes a procuram:

Os fiéis preferem o daqui. Eles sempre perguntam: é cristã? É da igreja? E eu digo sim, é abençoado, então eles comem. Quando os pastores viajam para outros países, porque nem todos os pastores são daqui da Bahia, eles viajam e levam o nosso acarajé, levam até para outros países.

Tânia dos Santos trabalha no tabuleiro⁶ há 18 anos, começou assim que seu filho nasceu para aumentar a renda familiar e para ajudar a sogra, que já trabalhava como baiana de acarajé. A mãe de sua sogra também trabalhou com a comercialização das comidas tradicionais baianas. Todas três sempre trabalharam em frente às sedes da INRD, em Salvador, e possuem participação na igreja. A mãe da sogra dela “era obreira”, já ela e a sogra frequentam.

Minha sogra começou a vender [acarajé] depois que a mãe dela também fundou acarajé na porta de igreja. Foi na Igreja Universal, que era no bairro de Dois Leões, que foi a primeira Igreja Universal de Salvador. O ponto de acarajé em frente a essa igreja aqui já tem vinte e dois anos.

⁶ O ponto fica bem em frente à Igreja Universal do Reino de Deus, de enorme dimensão, onde circulam muitas pessoas, pois fica próximo a uma das principais avenidas da cidade: a Avenida Tancredo Neves. Endereço: Avenida Antônio Carlos Magalhães, Itaigara, Salvador-BA.

Sobre a relação que a Igreja Universal estabelece com elementos das religiões que estão em combate, Ricardo Mariano (1996) aponta que a IURD a reconhece e insere, sincreticamente, concepções e características próprias da umbanda, candomblé e, até mesmo, do catolicismo popular. Dessa forma, ao chamar, ao se relacionar, ao menosprezar e “exorcizar deuses do panteão das religiões inimigas, torna-as parte integrante de sua própria identidade” (MARIANO, 1996, p. 127). Ou seja, sem o Diabo, na guerra em que constantemente este é inimigo e expulso, colocado em associação, diversas vezes, com Exu, caboclos e orixás, a Universal possivelmente não seria o que ela é ou mesmo imagina ser (MARIANO, 1996, p. 127).

De modo semelhante, Ari Pedro Oro (2005-2006) analisa o fenômeno que é a Igreja Universal, observando atentamente os ritos, doutrinas, dogmas, discursos, práticas sociais, políticas e econômicas, denominando essa igreja como “religiofágica”. Definida como uma igreja que formou seu “repertório simbólico, suas crenças e ritualística, incorporando e ressemantizando pedaços de crenças de outras religiões, mesmo de seus adversários” (ORO, 2005-2006, p. 321).

Ao mencionar as apropriações realizadas pelas igrejas evangélicas aos elementos das religiões afro-brasileiras, Reinhardt mostra como o acarajé é usado nesse contexto, de acordo com a pesquisa etnográfica que realizou. Há dois importantes indícios que devem ser observados na prática do “acarajé de Jesus”, primeiro: a produção de um acarajé livre do candomblé e suas magias, o “acarajé do bem”; segundo:

A distribuição de uma série de contra-feitiços, principalmente nos rituais da Igreja Universal do Reino de Deus⁷, objetos mágicos como o ‘sal do descarrego’, que devem ser acrescentados às comidas de origem africana, de modo a anular qualquer risco de contágio, pelo poder maléfico que pode habitá-las (REINHARDT, 2006, p. 100).

O autor esclarece que são modos de ataques usados numa disputa pela hegemonia num mercado religioso. E ainda, apresenta a importância que as comidas de tabuleiro possuem no candomblé, como comida de orixá.

⁷ Segundo Ricardo Mariano (2004), a Igreja Universal do Reino de Deus foi a igreja evangélica que mais cresceu no Brasil nos últimos anos. Esta foi fundada em 1977, na zona norte do Rio de Janeiro, por Edir Bezerra Macedo. Com apenas oito anos de criação, ela já possuía 195 templos, em cartoze Estados e no Distrito Federal. De acordo com o autor, em “1989, ano em que começou a negociais a compra da Rede Record, somava 571 locais de culto. Entre 1980 e 1989, o número de templos cresceu 2.600%. Nos primeiros anos, sua distribuição geográfica concentrou-se nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro, São Paulo e de Salvador” (MARIANO, 2004, p. 125).

Silva (2007) salienta que determinados símbolos das religiões afro-brasileiras são negados e atacados por certos grupos pentecostais, em contrapartida, outros símbolos ligados às religiões afro-brasileiras são utilizados e incorporados numa nova “versão pentecostal”.

Efetivamente, alguns símbolos das religiões africanas, presentes em outras manifestações, religiosas ou não, da cultura brasileira, têm sido ostensivamente negados ou substituídos por uma “versão pentecostal”. É o caso, entre outros, da proibição do aprendizado da música de percussão, associada ao demônio, ou a prática da capoeira, que é substituída pela capoeira gospel ou evangélica, na qual são retiradas das letras das cantigas as referências religiosas ao candomblé e aos santos católicos, substituindo-as por referências a Jesus (SILVA, 2007, p. 255).

É exatamente nesse contexto que o acarajé está inserido, e o autor utiliza, como exemplo, a própria prática que este denomina como “acarajé do senhor”, preparado pelas evangélicas que rejeitam o vínculo do acarajé como comida votiva no candomblé.

Bittar (2010), tendo como referência as baianas de acarajé que acompanhou em seu trabalho de campo, afirma que a oposição destas com as evangélicas acaba por acentuar a relação entre a baiana de acarajé e o candomblé. Segundo a autora, na delimitação de uma “alteridade, o evangélico como o “outro” da baiana, há uma busca por marcar a especificidade do acarajé com “origem” nos terreiros, enquanto comida de orixás” (BITTAR, 2010, p. 25). Nesse sentido, categorias que no dia-a-dia apresentam-se dissolvidas, quando apresentadas diante de uma ressignificação do acarajé por parte das baianas pentecostais, tomam um contorno religioso mais preciso.

No decorrer do trabalho de campo, percebi que quando a baiana de acarajé era ligada ao candomblé, havia uma reafirmação da relação do acarajé com Iansã, ressaltando a ligação da baiana com este orixá. A oposição era fundamental para a reafirmação do que o acarajé significa no universo simbólico do qual faz parte. Por exemplo, a baiana Jurivina me indagou por que essas baianas evangélicas não deixavam o acarajé e vão vender “coxinhas ou bolinhos de chuva”. Os motivos para um indivíduo comercializar uma comida com importância simbólica num universo religioso oposto ao seu são complexos. Sendo assim, a comercialização do acarajé por baianas pentecostais é realizada exatamente porque estas reconhecem o valor atribuído a essa comida e mesmo se o objetivo for retirar os significados do símbolo acarajé, estas baianas o reconhecem como importantes, pois se ele não fosse importante, não se apropriariam.

Há um momento inicial de reconhecimento do acarajé, depois uma reconfiguração e, por fim, um novo valor é atribuído a essa comida, podendo, finalmente, ser comercializada.

No desenvolvimento do trabalho etnográfico, pude observar que as baianas do “bolinho de Jesus” muitas vezes incorporam símbolos do Cristianismo, como por exemplo, a Bíblia, óleos ungidos no seu tabuleiro para demarcar a diferenciação com as demais baianas, principalmente, as não evangélicas. Não é possível pensar o “bolinho de Jesus” fora de uma lógica de mercado, do turismo cultural cada vez mais rentável e crescente em Salvador, como também não é possível analisar esse movimento fora do processo de disputa entre pentecostais e integrantes das religiões afro-brasileiras.

Para Martini (2007), as baianas evangélicas possuem um fator importante contra seus discursos que é a uniformização, que está associado ao plano religioso. De acordo com a autora, as evangélicas se negam a aceitar a história do acarajé e o apresentam como um simples alimento, que faz parte de conjunto, fruto da terra que o indivíduo pode utilizar, pela autoridade imposta por “um deus patriarcal que afasta qualquer atributo divino dos alimentos in natura ou preparados” (MARTINI, 2007, p. 228).

Deve-se ter em vista que não dá para agrupar todas as baianas de acarajé evangélicas como incentivadoras do “bolinho de Jesus” ou “acarajé de Jesus”. Como foi apresentado anteriormente, há na ABAM uma baiana evangélica que é totalmente contra a utilização da expressão “acarajé de Jesus”. Porém, isso não significa que a instituição não se preocupe com o crescimento da prática do “acarajé de Jesus”, pelo contrário, em entrevista à atual presidente da entidade, deixou esclarecer que tal prática não condiz com o saber patrimonializado pelo IPHAN, que destaca o acarajé como comida importante para o universo simbólico do candomblé. Esse conflito envolve a subjetividade e o processo de construção de identidades dos indivíduos, tal como questões econômicas, políticas e religiosas.

Vagner José dos Santos (2013), na pesquisa sobre as apropriações e ressignificações nas práticas que envolvem o acarajé, pontua a questão religiosa no bojo do projeto da comercialização dessa comida por baianas pentecostais. Santos apresenta que, ao passo que políticos evangélicos são eleitos, estes ganham mais força na guerra contra as religiões afro-brasileiras, pois, na medida que os neopentecostais detêm importante representação política, de outro lado os integrantes de religiões afro-brasileiras possuem muitas barreiras para colocar seus representantes políticos em cargos importantes. O autor utiliza como exemplo dessa desigualdade a eleição no ano

de 1986 do primeiro deputado federal da Igreja Universal do Reino de Deus. Além disso, “no final dos anos 2000, a bancada evangélica era representada por 60 deputados na Câmara Federal” (SANTOS, V., 2013, p. 73). No ano de 2002, mais um marco nesse processo, o bispo Marcelo Crivella foi eleito, com mais de três milhões de votos senador.

3- Os discursos sobre o “acarajé de Jesus”

A baiana de acarajé Analys nasceu no bairro de Massaranduba, na Bahia, mas veio para o Rio de Janeiro ainda criança, com oito anos de idade⁸. Atualmente mora em Bento Ribeiro⁹ e seu ponto fica localizado no bairro de Madureira, no Rio de Janeiro, especificamente em frente ao Mercado de Madureira, Analys constrói sua narrativa com ênfase em relação com o ofício de baiana de acarajé e, sobretudo na sua posição religiosa no universo do candomblé. Ela é mãe de santo no terreiro, *Kwê Oyá Menson Orun Asé Gu Sologan*.

Sobre o “bolinho de Jesus”, Analys apresentou:

Sinceramente, não existe nenhuma ligação de Jesus com acarajé. Acarajé é de Iansã, Jesus não comia acarajé [risos]. Tinha acarajé na ceia acarajé? Então, acarajé é uma comida tipicamente do candomblé, africana, não tem ligação nenhuma com o tal do bolinho de Jesus [...]. Não é certo um evangélico portar um tabuleiro de acarajé porque não vai dá a mesma ênfase, não vai dá o mesmo valor espiritual, sagrado como nós que somos do candomblé damos. Eles têm que vender bolinho de chuva, coxinha, porque essas coisas não têm ritual nenhum, o acarajé não, o acarajé é de Oyá, como eles vão apresentar para você um acarajé? Acarajé de quem? De Jesus?! Eles estão profanando o sagrado deles e profanando o nosso sagrado [...] O acarajé é do candomblé, acarajé veio trazido pelos africanos, veio trazido o feijão eles faziam a massa de feijão para fazer pão e, como não tinha um óleo, um azeite para fritar, eles moeram o coquinho, extraíram o óleo do dendê e começaram a fritar no dendê. Isso foi por necessidade de comer, eles tinham fome. Não é um assunto para ser explorado por qualquer pessoa, tem que ser vendido e explorado por quem respeita o sagrado.

⁸ Segundo Analys, com oito anos ela também entrou no candomblé, em um terreiro no Rio de Janeiro, em São João de Meriti.

⁹ Bairro do Rio de Janeiro localizado na Zona Norte da cidade.

O acarajé, ou melhor, a disputa na comercialização dele pelas baianas protestantes, sobretudo as neopentecostais, é um dos diversos conflitos presentes na chamada: “guerra santa”, ou “guerra espiritual”. Tais expressões são apresentadas por Bruno Reinhardt (2006) como correntes nos discursos sobre os conflitos entre denominações evangélicas neopentecostais e os cultos afro-brasileiros, em todo o Brasil. Porém, o trabalho de Reinhardt (2006) tem como objetivo abordar a “guerra santa”, particularmente em Salvador, por meio dos discursos produzidos pelos dois lados envolvidos na “guerra”, através das construções de identidades que estes fazem de si dentro do grupo a que pertencem.

O autor (2006; 98) apresenta o crescimento de devotos da religião evangélica na cidade de Salvador, principalmente, na década de 1980 e elenca certos lugares e objetos de tensão como, por exemplo, a venda do acarajé. O “acarajé de Jesus” dividiu a opinião pública: nas ruas, televisão, internet e rádio tal assunto é problematizado. As baianas de acarajé frequentadoras das igrejas evangélicas possuem seus argumentos, que são seguidos por seus líderes religiosos e os demais devotos, criando assim, uma rede que compartilham a rejeição dos demais acarajés.

As comidas possuem significados importantes no universo simbólico do candomblé. Tal importância ocorre tanto nos rituais para o fortalecimento dos devotos com os orixás, como também na permanência das relações sociais no terreiro. A baiana Jurivina Silva contou o cuidado que tem na hora de oferecer comida para seu orixá. Na narrativa, a baiana apresentou a relação das comidas de tabuleiro com seus respectivos orixás. Nas palavras dela, “o caruru, que no candomblé é amalá, o vatapá que no candomblé é ambú, o camarão, que no candomblé se chama peixe e o acarajé que se chama acará, que se chama acará e o abará, tudo são os trabalhos dos orixás”.

Não será apresentada uma vigorosa análise sobre as associações realizadas pelas baianas, por causa da complexidade e singularidade que cerca uma casa de candomblé, com variações de ritos e liturgias. A baiana Jurivina selecionou elementos do seu tabuleiro, seu lugar de trabalho, com o universo simbólico do candomblé, cuja comida possui significado importante.

As baianas de acarajé ligadas ao candomblé utilizam-se da relação de Iansã com o acarajé para construir as identidades daquelas em oposição às baianas protestantes e, também, para se diferenciarem dos vendedores ambulantes. As baianas de acarajé

apropriam-se de símbolos que as ligam a um passado, que é uma herança de tabuleiro. Sobre a relação dos orixás com as comidas de tabuleiro, a baiana Jurivina apresenta:

Porque o acará é de Iansã, o abará é de Xangô, Ogum o vatapá, é de Oxum, o caruru que inventou foi muito depois, depois da pimenta foi o camarão, depois do camarão o vatapá, depois a salada e o último foi o caruru, muito depois.

A ligação das comidas do tabuleiro com o candomblé é o motivo de a Federação Nacional do Culto Afro – Brasileiro tomar uma posição, no conflito que tem como peça fundamental: o “bolinho de Jesus”. De acordo com Antoniel Ataíde Bispo, diretor secretário da entidade em questão, desde a sua fundação, na década de 1949, a Federação Nacional do Culto-Afro filia baianas de acarajé, pois estas tinham uma forte ligação com os terreiros de candomblé. Segundo ele, “antigamente vender acarajé era uma atribuição de quem era iniciada”.

Ataíde Bispo utiliza-se de um passado histórico para salientar a importância de as baianas de acarajé exercer tal atividade, porém, ele também destaca que ocorreram muitas transformações na sociedade, que afetaram, de maneira geral, as relações das vendedoras de quitutes com seu ofício. Segundo Ataíde, é muito difícil encontrar uma baiana de acarajé que esteja trabalhando pela religião, “hoje é praticamente um comércio, todas as pessoas aprendeu a vender, vai botando o seu tabuleiro. A prefeitura libera o ponto e a baiana vai vender”.

Ainda de acordo com Ataíde Bispo, a Federação Nacional do Culto-Afro Brasileiro filia baianas das diferentes religiões, porém, exige determinadas regras, como, por exemplo, a obrigatoriedade da indumentária própria para a baiana sentar no ponto. Tal regra já estava prevista no Decreto Lei Municipal nº 12.175, de 1998, de Salvador, que regulamenta o trabalho das vendedoras de comidas de tabuleiros nos logradouros públicos da cidade de Salvador.

Segundo Bispo, atualmente, a FENACAB está passando por um processo de esvaziamento das baianas de acarajé, por causa do surgimento de outra entidade que também agrupa baianas de acarajé: a Associação das Baianas de Acarajé, Mingau e Receptivos (ABAM).

Rita Santos, atual presidente da ABAM-Salvador, em entrevista¹⁰ ao Programa Esquentando da Rede Globo de Televisão, apresentou uma preocupação em relação ao crescimento das baianas do “acarajé de Jesus”. Segundo ela, “a vendedora de acarajé tem que estar no tabuleiro de bata, de saia e de torço, não importa a religião”. Na mesma entrevista, ela salientou a importância da obrigatoriedade da indumentária da baiana de acarajé para a manutenção¹¹ do título de Patrimônio Cultural Brasileiro, concedido pelo Instituto do Patrimônio Artístico Nacional, ao Ofício das Baianas de Acarajé. A inclusão da polêmica do “acarajé de Jesus” nas mídias de grande circulação indica a importância de tal processo, pois este se insere num contexto mais amplo, o da chamada “guerra santa” entre os seguidores das religiões de matrizes africanas e os neopentecostais.

De acordo com o Dossiê do Ofício das Baianas de Acarajé (2007), a comercialização das comidas de tabuleiro está inserida num processo de crescimento de produção e consumo que é cercado de um redimensionamento do espaço simbólico e de composição própria do espaço de tensões, combates e controle. No início, o Ofício era realizado por mulheres, pela obrigação ou relação com orixás definidos, transformando-se depois, deixando de ser realizado apenas pelas filhas-de-santo, mas por indivíduos, de ambos os sexos e não atuantes nos terreiros de candomblé. Ainda de acordo com o Dossiê, é identificável que o “processo de ressignificação do acarajé e dos bens associados, por parte dos evangélicos passa pela desvinculação simbólica com o mundo do candomblé e afirmação de outra identidade” (IPHAN, 2007, p. 58).

4 – Conclusão

O acarajé faz parte de um conjunto de símbolos atacados e, ao mesmo tempo, apropriados por determinadas pessoas adeptas à religião evangélica, sobretudo neopentecostais. Enfim, os conflitos presentes no cotidiano das baianas de acarajé, que envolvem o “bolinho de Jesus”, fazem parte de uma “guerra”, a denominada “guerra santa”, cujo fim está longe. É errôneo afirmar que todas as pessoas evangélicas são a favor do “acarajé de Jesus”, há baianas de acarajé, não evangélicas, que não encontram

¹⁰ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=7WZldxyWIG8>> . Acesso em: 14 mar. 2012.

¹¹ De acordo com o Decreto Federal 3.551, de 2000 que instituiu o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, todo bem imaterial depois de 10 anos com o título ele é reavaliado podendo manter ou perder o título.

problema nenhum na comercialização dessa comida pelas baianas neopentecostais. A discussão apresentada não se esgota aqui. Há um conjunto de fatores e um contexto: o do crescimento das igrejas neopentecostais em Salvador, que tornam o debate extensivo. Esse debate envolve apropriações, ressignificações, intolerância religiosa, entre outras questões. Os aspectos aqui discutidos podem nos indicar novos trabalhos e futuras análises.

Referências Bibliográficas

AMON, Denise; Renata, MENASCHE. Comida como narrativa da memória social. Sociedade e cultura, *Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal*: jan-jun, año/vol.11, n°001. 2008.

ASSOCIAÇÃO DAS BAIANAS DE ACARAJÉ. Salvador. *Ata de Fundação* da Associação das Bahianas de Acarajé da cidade de Salvador no dia 19 de abril de 1992. Livro 1, p. 1-3.

_____. Salvador. *Estatuto da Associação* das Bahianas de Acarajé da cidade de Salvador no dia 19 de abril de 1992. Livro 1, p. 1-9.

BISPO, Antoniel Ataíde. *Entrevista* concedida a Debora Simões de Souza no dia 16/18 de julho de 2012.

GRAÇA, Maria das. *Entrevista* concedida a Debora Simões de Souza. Bahia, 20 de julho de 2012.

INSTITUTO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Ministério da Cultura *Decreto n°3.551* de agosto de 2000. Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, Brasília, DF: Iphan, 2000.

_____. *Ofício das Baianas de Acarajé. Livro de Registro dos Saberes*. Brasília, DF: Iphan, 2004.

_____. *Parecer Jurídico n° 017/04*, Processo n° 01450.008675/2004-01. Brasília, DF: Iphan, 2004. Relator Sista Souza dos Santos.

_____. *Parecer Técnico n° R002/2004*, Processo n° 01450.008675/2004-01. Brasília, DF: Iphan, 2004. Relator Ciane Gualberto Feitosa Soares.

_____. *Registro do Ofício das Baianas de Acarajé em Salvador, BA*. Processo n° 01450.008675/2004-01. Relator Roque de Barros Laraia. Salvador, 2004.

_____. *Ofício das Baianas de Acarajé*. Brasília, DF: Iphan, 2007.

LODY, Raul. *Dicionário de Arte Sacra e Técnicas Afro-Brasileiras*. Editora Pallas, Rio de Janeiro, 2003.

MACIEL, Maria Eunice. Uma cozinha à brasileira. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n° 33, jan – jun 2004, p. 25-39.

MARIANO, Ricardo. A Igreja Universal do Reino de Deus: A magia institucionalizada. *Revista da USP*, São Paulo, n. 31, p. 120-131, set/ nov. 1996.

_____. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

MARTINI, Gerlaine Torres. *Baianas do Acarajé. A uniformização do típico em uma tradição culinária afro-brasileira*. Brasília: Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2007.

MINTZ, Sidney W. Comida e Antropologia. *Revista Brasileira de Antropologia e Ciências Sociais*, v. 16, n° 47, São Paulo, 2001.

MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2008.

NERY, Tânia Bárbara. *Entrevistas* concedidas a Debora Simões de Souza jul. de 2012/set. 2013.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostalismo macumbeiro. *Revista USP*, São Paulo, n. 68, p. 319-332, dez./fev. 2005-2006.

RAMOS, Célia Regina. *Entrevista* concedida à Debora Simões de Souza. Rio de Janeiro, 03 de abril de 2012.

REINHARDT, Bruno M. N. *Espelho ante Espelho: a troca e a guerra entre o neopentecostalismo e os cultos afro-brasileiros em Salvador*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, 2006.

REUNIÃO de *Salv guarda do Ofício das Baianas de Acarajé*, 1. Pesquisadores: Raul Lody, Elisabete Mendonça. Bahia: [s.n.], abr. 2006. 4 discos digitais (ca. 240min): estéreo; 4 faixas. Ref. CD0827.

SALVADOR. Decreto Lei Municipal n° 12.175, de 25 de novembro de 1998. *Diário Oficial do Município*, Salvador, 1998.

SANTOS, Vagner Rocha. O sincretismo na culinária afro-baiana: o acarajé das filhas de Iansã e das filhas de Jesus. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Cultura e Sociedade). Instituto de Humanidades, Artes e Ciências. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2013.

SILVA, Wagner Gonçalves da. Neopentecostalismo e religião afro-brasileiras: significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. *Revista Mana*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 207-236, 2007.

